

RESENHA

O livro **Meu Coração Diz Teu Nome** encontra-se em sua 1ª edição, publicado pela Rocco, no Rio de Janeiro, em 2023.

Cris Lisbôa, autora do romance, possui extensa referência profissional, pode-se citar entre muitas qualificações: jornalista, quando dá tempo (segundo ela), escritora, pesquisadora de Comunicação e Linguagem, catedrática no Ensino de Criação em Escrita, palestrante; publicou em revistas como Rolling Stone, MTV e TPM. Atuou como redatora publicitária para clientes como Nike, Johnson & Johnson, Hering, Nestlé e Puma.

É autora de **Papel-manteiga para Embrulhar Segredos** (2006); **Duas Pessoas são muitas Coisas** (2011) e **Tem um Coração que faz Barulho de Água** (2018), publicado no Brasil, na Espanha e em Portugal.

A história de **Meu Coração Diz Teu Nome** é prosa-poética contemporânea, intimista, redigida em linguagem coloquial.

Mas como nasceu esse tema?

A inspiração surgiu a partir de fatos legítimos, ocorridos na família da autora. Uma de suas tias-avós, gêmeas, nascidas há cem anos, tinha hemangioma. Aos 16 anos, apaixonou-se por um rapaz que declarou a outrem que, se tivesse de namorar uma das gêmeas, escolheria a jovem sem a mancha o que fez com que a garota se isolasse. Assim brotou a história. No entanto, Lisbôa afirma que não queria uma narrativa de sofrimento.

Dessa forma, estruturou o romance em noventa e um capítulos curtos, alguns com apenas uma frase. O intenso registro de reflexões, materializadas no texto na forma de interrogações, questionamentos, leva o leitor a buscar respostas que surgem imprecisas, imperfeitas. “Porque só aprendi a ter medo de mim quando o som das vozes das outras pessoas ficou tão alto que parei de escutar o meu. Ouviu?”; “Eles queriam que eu pedisse desculpas por uma coisa que eu não fiz?”; Interrogações feitas a si mesma ou ao leitor? “Você está me ouvindo?”; “Você já rezou pra ser amada por alguém?”; “Quanto

tempo dura um sonho?"; "O que todo mundo vê quando me olha, invalida o que sou. Por quê?"; "Por que é tão fácil acreditar no que nos destrói?"

Esse recurso cria outro personagem: o leitor, que partícipe, mergulha na espiral das emoções da protagonista e também reflete "Ajusto-me a mim, não ao mundo"; "Tem gente que só enxerga o que vê".

Outro aspecto inusual, em relação à construção sintática e semântica, é a forma com que a autora encontra para imprimir relevância ao que deseja dizer, ao separar o qualificador do nome, valorizando-o, transformando-o em substância, como em "... mas ela sabia que eu não sentia **dor. Física**". Ou quando quer valorizar o advérbio em "E foi assim que eu lembrei como é que se **chora. Externamente**."

Outro expediente utilizado pela autora, para identificar ou marcar ciclos na vida da personagem, é a inserção de fragmentos de Clarice Lispector, Maiakovski e Guimarães Rosa.

Assim, embora a autora tenha procurado um caminho narrativo reflexivo, a personagem principal não consegue se desvencilhar do incômodo, do sofrimento que o olhar dos outros causa a ela frente à mancha que a torna diferente. Nesse sentido uma das mensagens que se depreende do texto parece estar ligada à importância da clareza da visão e como a percepção pode influenciar ou impactar a vida espiritual, moral e psicológica das pessoas.

Enfim a obra de Cris Lisbôa convida o leitor a interpretar **o não dito** a partir da superabundância dos espaços em branco, como também o induz a questionar até Machado de Assis. Como se dissesse, a vida, mestre, não se reduz apenas a aparências, há algo mais profundo no ser humano que excede.

RENILDA GONÇALVES DO AMARAL

